

Construções e desconstruções de memórias

Os Santos Mártires de Viana do Castelo

Foi com muito satisfação que recebi o convite para apresentar publicamente, neste espaço de difusão do livro e da cultura (biblioteca municipal de Viana do Castelo), a obra do Dr. Manuel Inácio Rocha. Tratando-se de um historiador bem conhecido dos vianenses, é redundante fazermos uma apresentação do autor; mesmo assim, seja-me permitido trazer à memória que estamos perante um pesquisador de nomeada do domínio da História da Educação, da História da Cultura e da História da Sociedade Vianense. Manuel Inácio Rocha é detentor de um curriculum bibliográfico que ombreia com o dos pesquisadores mais reconhecidos do Alto Minho. Depositário de uma formação académica sólida, neste trabalho privilegiou fontes de natureza variada, pesquisou em arquivos, problematizou as tentativas e soube produzir um estudo pautado pela seriedade científica, fazendo jus às qualidades de Historiador de grande craveira.

Não conseguimos condensar, em poucas linhas, a problemática abordada e a tese agora defendida. Como vamos apresentar as ideias gerais de uma obra sobre mártires, importa anotar que a memória sobre o cristianismo conduz-nos para a comemoração de Jesus e, no quadro da memória social, os mártires constituem o paradigma do testemunho, podendo não comportar túmulos nem relíquias. A celebração de santos era no dia conhecido ou suposto do martírio ou da morte, o que proporcionou a difusão do cristianismo. Desta forma, a memória colectiva adquiriu um papel considerável no mundo cristão. Assim, a história coloca-nos desafios permanentes, quando pretendemos apresentar elementos ou outros aspectos da vida de santos sem a existência de fontes documentais escritas, especialmente quando se trata de mártires sobre quem não há, na actualidade, testemunhos materiais coevos.

Este mesmo problema dos silêncios, num outro domínio, tem sido ultrapassado com recurso à história oral, cuja pesquisa está orientada para o tempo presente. A metodologia da história oral centra-se em testemunhos de quem vivenciou factos ou acontecimentos. Para o efeito, recorre-se a uma análise crítica das informações transmitidas oralmente. Com tal recolha, preservam-se testemunhos, memórias sociais e coletivas de um período em que o documento escrito era restritivo.

A transmissão oral de memórias foi um meio de comunicação usado desde sempre pelas sociedades e os historiadores gregos também difundiram oralmente as memórias coletivas, como são exemplo os poemas homéricos. Tais fontes proporcionam a circulação de saberes e constituem um aspecto de importância cultural relevante.

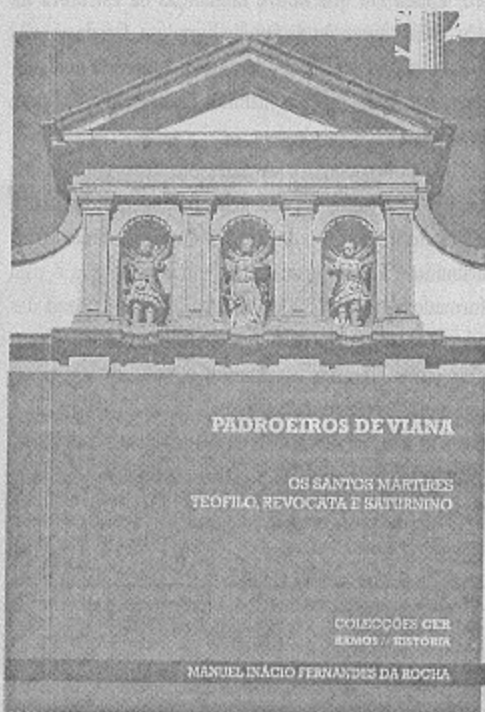
Perante estas realidades, o Dr. Manuel Inácio Rocha não esconde as dificuldades sentidas para apurar se a tradição sobre os Santos Mártires é genuína, se o acontecimento foi real ou se os nossos santos não passam de uma lenda, sendo certo que deles temos memória social, cultural e religiosa.

Mas o Historiador recorre a documentos relativos à confraria dos Santos Mártires, donde a justificação para um estudo sobre a história sócio-religiosa de Viana que agora temos em livro. Neste contexto faz-se jus à «história dos antigos padroeiros de Viana, os Santos Mártires Teófilo, Saturnino e Revocata que ainda hoje têm a sua memória bem gravada na espiritualidade de alguns vianenses e artisticamente talhada nas lindas imagens barrocas...»

As novas abordagens historiográficas reconhecem a importância das fontes e patrimónios inateriais como meio de preservação da nossa cultura. Deste quadro emerge boa parte da história religiosa, onde as devoções populares, as romarias, o culto e as tradições são legados de valor irrefutável e inesimável, que muito bem preservamos e com os quais nos identificamos, mesmo que tenham o perfil de tradições sem memória documental, porque lhes perdemos os registos da origem. Fazem parte da nossa cultura e devem ser defendidos dessa corrosão provocada pelos «buracos negros» e silêncios deixados pelo tempo. Viana teve defensores e difusores da cultura e práticas cristãs, aqui personificados na origem com Teófilo, Revocata e Saturnino.

A Península começou a ser cristianizada nos primeiros séculos d.C.; as perseguições aos difusores da Boa Nova iniciaram-se a meados do século III, dando origem à «era dos mártires». Os romanos tentaram des cristianizar recorrendo a crimes hediondos; muitos autóctones

foram martirizados sem que deles saibamos o nome ou outra identificação. Como muitos outros, entram neste rol os vianenses perseguidos, figuras anónimas, gente humilde, pessoas sem projecção social, homens e mulheres ficaram nas franjas do real, da ficção e da lenda, trilogia inseparável à luz dos dias de hoje, gente comum sem história. Estamos perante o problema da verdade histórica,



devido à ausência de fontes credíveis, o que dificulta a distinção entre lenda, ficção e verdade, pois formam um todo preservado pela memória social ao longo de vários séculos.

Se é irrefutável que esta terra aderiu à mensagem do Evangelho desde muito cedo, os povos que aqui viviam, ao defenderem o cristianismo, criaram condições para a perseguição, donde resulta a tese da existência de mártires, ou pelo menos, não há razões para excluir liminarmente o martírio a meados do século III, argumenta o Dr. Manuel Inácio Rocha. Mas, por comparação aos restantes cultos que povoam a Península, como o de Santiago de Compostela, o autor deste livro coloca em pé de igualdade os testemunhos e documentos conhecidos que sustentam a devoção dos Santos Mártires. A tese aqui defendida aponta para referências veiculadas através da memória oral, pelos documentos antigos reescritos, que confirmam a existência do culto.

De acordo com a tradição e os testemunhos, a festa de celebração ocorria a seis de Fevereiro no sítio da antiga capela de Santa Luzia, próximo do local do martírio, onde os mártires eram inicialmente venerados. Também eram celebrados na capela de Santo André do Monte, na Abelheira, cujas imagens escultóricas estão publicadas agora neste livro.

A instalação de um templo digno para os padroeiros de Viana concretizou-se em 1730, tendo ganho grande dinâmica o culto e a fé nos Santos Mártires, sublinha o autor.

Num outro capítulo, segue-se o historial sobre os usos do imóvel desde 1778 e até à extinção do convento, em 1884, data de passagem para a Fazenda Nacional. A ação da Confraria dos Santos Mártires foi imprescindível para manter o culto e recuperar, em 1879, a igreja e alfaias. O imóvel, em 1902, voltou a servir de local de ensino, tendo sido criada uma escola gratuita para meninos pobres de Viana.

A Congregação do Espírito Santo, no século XX, conferiu grande dignidade à antiga escola das Ursulinas. Entra aqui a figura grande do Padre Moisés Alves de Pinho, recuperando o património arquitectónico, para servir de Seminário. Neste âmbito, Manuel Inácio Rocha faz uma descrição pormenorizada sobre a história do antigo convento, servindo-se de um corpo documental inesimável. O Seminário imprimiu nova dinâmica ao culto. A população vianense voltou a ter acesso às práticas religiosas, venerando os seus padroeiros, símbolos bem vivos no frontispício do templo.

Uma parte do livro é dedicada ao incansável trabalho da Confraria

dos Santos Mártires na preservação e divulgação da memória dos padroeiros e ao Monsenhor Daniel Machado pelo empenho na reconstrução da igreja e dinamização do culto.

A terminar, o Mestre Manuel Inácio Rocha retoma as análises e reflexões sobre o culto dos Santos Mártires, confrontando vários textos antigos e confirma a institucionalização oficial para celebração dos Mártires, em 1630. A memória social, a devoção desde tempos remotos e a liturgia tinham Teófilo, Revocata e Saturnino entre os mártires, símbolos de virtudes e fé cristãs que os levaram a morrer em defesa da mensagem de Jesus Cristo. Mas, «uma instrução Pastoral-Litúrgica... publicada em Viana, a 22 de Setembro de 2005, ... exclui... do culto divino e das celebrações litúrgicas os venerados e tradicionais padroeiros vianenses...», incluindo outros «porventura não menos lendários.»

Em causa está a cultura religiosa, uma memória a preservar, bem hasteada na igreja da Congregação do Espírito Santo, com representatividade e simbolismo assinaláveis nos dias de hoje.

O autor questiona-se por que se apaga da memória coletiva, por decreto, 500 anos de fervor religioso e veneração, a história das nossas gentes, a história das mentalidades e da cultura, a história religiosa como se tudo tivesse sido «um logro de ingénios e oportunistas inventores» alimentado até ao século XXI.

Por fim, o Historiador assinala o excessivo «criticismo histórico e a incúria dos teólogos e historiadores da nossa diocese», sem terem em linha de conta a religiosidade e devoção dos vianenses ao longo de mais de cinco séculos, cujo culto foi celebrado em vários templos. A igreja e o convento têm registos históricos indelévels, por aqui terem estudado meninas, rapazes e seminaristas com nome firmado nos anais religiosos.

Não se trata de creditar historicamente três figuras. Este livro do Mestre Manuel Inácio Rocha está bem estruturado, pauta-se pela fluidez de estilo, tem rigor documental e é uma obra historicamente séria e honesta, sem sentimentalismos, sem tendências nem ideologias, rica de bibliografia e assente em fontes credíveis, faz jus à cultura religiosa e salvaguarda da memória, ao património intangível e à história sócio-religiosa de Viana do Castelo.

Não menos importante é a capacidade de suscitar uma reflexão em torno das construções e desconstruções das memórias coletivas.

Felicitado, de novo, o Historiador Manuel Inácio Rocha por tão importante e criterioso trabalho.

Henrique Rodrigues

RESTAURANTES COM COZINHA REGIONAL

CASA ESTRELA

Dois pisos do 1.º
Praça Viana
Rua Manoel Barbosa — Viana do Castelo

TABERNA DO MIMOSO

Com pratos e bebidas tradicionais
Praça da República • Rua da Igreja • Rua de S. Francisco — ABEUDEIA Viana

RESTAURANTE POMBO

Dois pisos do 1.º • Praça da Guin
Barcelos na Beira
Tel. 258 900 065 — Vila do Pombal

BAR OCEANO

Francês • Churrasco • Cozinha tradicional
Praça • Rua da Igreja • Rua de S. Francisco
Tel. 258 829 642 — Viana do Castelo

ÂNCORA MAR

Edifício de Pesca • Bar com Música
Praça de Vila • Ladeira
Tel. 258 911 835 — 1.º do Prato de Anova

SALEIRO

Prato de carne e cozido • Modéstias de porco
Praça • Rua de Santa Cruz • Rua de S. João
Tel. 258 890 100 — Viana do Castelo

ASTÚRIAS

Baralho • 1.º e 2.º • Paredão de Mar
Praça de S. Martinho
Tel. 258 823 811 — Viana do Castelo

ÁTRIO

Edifício S. João • Baralho com música
Praça principal
Tel. 258 823 910 — Viana do Castelo

PIZZARIA DOCE VIANNA

Arroz de galinha • Sopa de feijão • Baralho à
Praça • Rua de S. João
Tel. 258 823 836 — Viana do Castelo

MARIA DE PERRE

Cozinha Portuguesa • Cozinha de S. João
Praça de S. Martinho • Praça de S. João
Tel. 258 822 410 — Viana do Castelo

STOP

Rua da Igreja • Stop • Arroz • Molho de
pimenta • Feijão à Portuguesa
Tel. 258 890 100 — Viana

PUBLICITE

O SEU RESTAURANTE
AQUI

Clínica Acupuntura Tradicional Chinesa



Dr. Domingos Silva

Assistente do Dr. Pedro Choy
(Presidente da APA-DA)

Especialista em: Hipertensão, Gorduras Localizadas, Celulite e Tabagismo
- Método do Dr. Pedro Choy

A ACUPUNTURA É INDICADA PARA
MUITAS PATOLOGIAS, ENTRE AS QUAIS:

- Perturbações do Estado Geral: Fadiga física e mental, Obesidade, Celulite, Gorduras localizadas, etc.
- Doenças Musculo-Esqueléticas: Dores Faciais, Maxilares, Pescoço, Ombro, Cotovelo, Pulso, Coluna, Lombar, Anca, Joelho, Tornozelo, Gálio, Hérmias, Fibromialgia, Reumatismo e Artrites.
- Doenças Neurológicas: Dor de Cabeça, Enxaquecas, Nevralgia do Trigemino e Dor Fantasma.
- Doenças Nervosas: Stress, Ansiedade, Insónias, Fobias e Depressões.
- Doenças do Ouído, Nariz e Garganta: Zumbidos, Vertigens, Síndrome de Ménière, Sinusite, Rinite, Alergia ao Pólen e Amígdalas.
- Doenças Ginecológicas: Infecções Urinárias de Repetição, Menopausa, Dismenorria e Tensões Pré-menstruais.
- Doenças Dermatológicas: Psoríase, Eczema, Alergias e Acne.
- Desintoxicação: Tabagismo, Alcoolismo e Dependência de Drogas.

Clínica Acupuntura Tradicional Chinesa

36202 VIGO
Tel./Fax: (+34) 98 62 28 348
Tel.: (+351) 96 55 24 915

Praça da Justiça, n.º 191, Loja 5, 1.º Andar Edifício Largo da Estação, Loja 5,
4715-125 S. Victor - BRAGA Lote 3
Tel./Fax: 253 278 014, Tel.: 96 55 24 915 4930-692 VALENÇA

Praça 1.º de Maio, n.º 127, 3.º Andar, Avenida D.º João IV, 1264 - BOITO
Sala Q/B 6810-240 GUIMARÃES
4900-534 VIANA DO CASTELO Tel./Fax: 253 410 181,
Tel./Fax: 258 828 060, Tel.: 96 55 24 915 Tel.: 96 55 24 915
email: caac.domingos@hotmail.com